



## ARTÍCULO

**Fermentario N. 7 (2013)**

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,  
Universidad de la República. [www.fermentario.fhuce.edu.uy](http://www.fermentario.fhuce.edu.uy)

---

### **RESISTÊNCIAS-SINALIZADAS: o cuidado de si como possibilidade de diferenças surdas**

**Vanessa Regina de Oliveira Martins <sup>1</sup>**

UNICAMP/FE

#### **RESUMO**

O presente artigo versa sobre a construção da surdez em duas perspectivas: como anormalidade em via de reparação do corpo surdo num modelo-padrão ouvinte, portanto, num discurso da deficiência; e, numa construção que toma a surdez como diferença linguística e cultural. Serão abordados os estudos foucaultianos nos conceitos de: disciplinamento, correção, norma e resistências. O foco deste trabalho será de problematizar o conceito de cuidado de si como possibilidade de resistências surdas às discursividades que tentam homogeneizar a surdez: ou no discurso da patologização, ou num viés culturalista, que, nos dois casos, podem capturar a surdez na constante busca de uma identidade única. A partir de um documentário, nomeado como *Divã*,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela UNICAMP. Grupo de pesquisa: Diferenças e Subjetividades em Educação sob orientação do prof. Dr. Silvio Gallo.

produzido por cinco sujeitos surdos, articularei os constructos teóricos aqui assumidos, para pensar em uma possível *biótica* ou numa arte de viver, surda, efeito de singularidades e diferenças.

**Palavras-chave:** Disciplinamento de corpos; resistências surdas; cuidado de si; diferenças.

## **ABSTRACT**

This article focuses on the construction of deafness in two perspectives: as an abnormality in repair pathway deaf body on a standard listener, therefore, in a speech disability, and, in a construction that takes the deafness linguistic and cultural. Will be addressed in Foucault studies concepts of the discipline, correction, and resistances. The focus of this paper is to problematize the concept of care of themselves in Foucault as possible resistances deaf discourses that attempt to homogenize the deafness or speech pathologizing, or a cultural bias, which, in both cases, can capture deafness in constant search a unique identity. From a documentary named as *Divã*, produced by five deaf subjects, articularei the theoretical constructs made here, to think about a possible "biotic" or an art of living, deaf, effect of singularities and differences.

**Keywords:** Disciplining bodies; resistances deaf; care of themselves; differences.

## **I. RELAÇÕES DE SABER-PODER NA INVENÇÃO DA SURDEZ**

São diferentes sujeitos surdos, suas variadas histórias marcadas pelo tempo, e as identidades surdas em diferentes perspectivas narradas aqui. Sujeitos surdos que narram suas diferenças, as situações corriqueiras de suas vidas simples: inclusão social, educação inclusiva, mercado de trabalho, relações familiares.

Celso Badin (surdo) / documentário *Divã*, 2011.

Mobilizada pelo documentário nomeado *Divã*, produzido por cinco alunos surdos, estudantes do curso de Letras Libras, (da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Pólo na Universidade Estadual de

Campinas/UNICAMP), para a disciplina de “metodologia de ensino de Libras<sup>2</sup> como segunda língua”, coloco-me na tarefa de escrever sobre as resistências surdas<sup>3</sup> à construção de uma patologização da surdez, marcada em seus corpos, através de saberes que produzem verdades sobre suas vidas e os modos de relação deste sujeito surdo com a “sua” não audição – discursos que perpassam os saberes institucionais, dentre eles os da escola, e que, portanto, interferem na criação de práticas educacionais para surdos. Nessa perspectiva, o trabalho aqui produzido tem a seguinte pretensão: discutir, ou descrever dois modos sociais de construção da surdez, nos discursos biológicos, e nos discursos sociológicos ou culturais. Em ambos os lugares o objetivo aparente se dá na marcação de modos possíveis de inscrever o que seja a experiência do *ser surdo*. O que proponho aqui é pensar a surdez em outro lugar, numa terceira possibilidade de existência ou de resistência, o da não produção de um único lugar para o *sujeito surdo*, mas tomar a experiência como algo singular que movimenta cada sujeito de formas diferentes.

Nessa perspectiva, não dá para falar de uma experiência, mas de várias experiências surdas evidenciadas de fato como diferença, como múltiplas possibilidades que não se fecham em um único modo: ou narrada como deficiência, ou como diferença cultural que se imprime em todos que a possui do mesmo modo, quer seja nomeada no singular como cultura surda; antes olhá-la por múltiplas lentes, e, assim, múltiplas culturas. Essa terceira possibilidade será pensada a partir da temática do cuidado de si, como construção de uma ética da diferença, ou seja, pela lógica da resistência: vidas que resistem em se manter como diferenças, em seus singulares encontros existenciais, que não podem ser reduzidos a modelos únicos. **Por que então o conceito foucaultiano do cuidado de si?** Tal conceito exprimi uma lógica de relação consigo mesmo que centraliza esse si e suas múltiplas experiências ao longo de sua vida. Um cuidado

---

<sup>2</sup> Libras – Língua Brasileira de Sinais. Esta será a nomenclatura adotada neste artigo.

<sup>3</sup> A escolha pela adjetivação da resistência como sendo “Surda” será mantida no texto para representar a nomenclatura usada nos movimentos surdos que afirmam a construção de uma comunidade de sujeitos que, em suas lutas, se unem em prol da manutenção de uma diferença que é efeito da não audição; e que por ela constituem outras experiências, marcadas pela surdez, assim, só por ela pode-se sentir esse lugar, esse espaço. Portanto, resistências surdas são lugares atravessados por sujeitos que estão no espaço de se fazer pela experiência da não-audição.

ético que tenciona uma constante reflexão do ser em seus percursos vividos. As multiplicidades de encontros que constituem a subjetividade de cada um. Nessa relação consigo mesmo há que retomar as verdades naturalizadas e como elas interferem na produção de cada um. Esse labor existencial se torna, no cuidado de si, uma potente ferramenta de revisitação das práticas existenciais, portanto, de algum modo liberta o sujeito de um estado passivo de sua relação com os outros e dos outros consigo.

Assim, o cuidado de si acaba por assumir a forma de um princípio geral e incondicionado. Isso significa que “cuidar de si” não é mais um imperativo válido para um momento determinado da existência e em fase adulta da vida que é a passagem da adolescência para a vida adulta. “Cuidar de si” é uma regra coextensiva à vida. (FOUCAULT, 2010, p. 221).

Deste modo, e com essa ferramenta conceitual do conceito de cuidado de si, trazido por Michel Foucault (2010), há como repensar a existência surda que se constitui como resistência para além dos discursos que aprisionam o que seja a relação corpo surdo e sociedade, marcado ou pela noção de deficiência e reparo; ou na noção de cultura surda, numa perspectiva única sobre o “modelo cultural e identitário” de tais sujeitos. A noção de resistência surda será trazida a partir do conceito foucaultiano de uma ética de si, que se configura em uma biótica (*biotike*), ou seja, “a arte de viver” uma vida singular, marcada por acontecimentos, emergindo, portanto, vidas-singulares (FOUCAULT, 2010). E daí a virada se dá na medida em que os movimentos de resistências tomam força no coletivo, comunidade surda, resistências surdas; a jogada aqui é tentar olhar a resistência que se faz na singularidade de cada corpo que encontra em si modos de viver a sua diferença – não negando a importância dos movimentos culturais, mas ampliando a problematização da não redução das multiplicidades de vivências.

Assumo a posição de escrita como Foucault (2006) a anuncia: “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”. (p. 156). É na mescla entre as narrativas-documentário dos cinco sujeitos surdos e minhas inquietações, a partir de estudos empreendidos nesta área, e pela movimentação pululante de meus pensamentos, que me permito

traçar algumas considerações sobre o campo da surdez: 1) os efeitos do poder disciplinar que resultam em uma biopolítica na educação de pessoas surdas, 2) e algumas estratégias possíveis que marcam um espaço de resistências na direção de uma ética surda, fissurando e promovendo outros modos de inscrição dentro das salas de aula com alunos surdos – modos de vidas-singulares. Serão usados alguns trechos-recortes das narrativas de pessoas surdas, mote para pensar este cuidado de si, que toma como pressuposto de resistência a diferença linguística, no uso da língua de sinais. Língua espaço-gestuo-visual reconhecida legalmente como língua nacional, porém ainda marginalizada nos espaços de ensino. No documentário, os sujeitos sinalizam as singularidades de suas experiências escolares e os movimentos que eles anunciam como resistências a um não modelo-ouvinte promotor de efeitos sobre seus corpos, na relação de si com sua surdez.

O documentário inicia com uma explicação do que seja para os cinco sujeitos um *divã* e o definem como espaço específico para narrar-se e ter um outro, o psicanalista, que o escute, que o ajude em seus problemas cotidianos. Após esta explicação inicial temos a citação que coloquei na epígrafe. Portanto, o documentário feito e direcionado para o outro é tecido como um desabafo que tem como mote o pedido da escuta do outro, da acolhida destes “diferentes sujeitos surdos e suas variadas histórias marcadas pelo tempo” (Celso Badin). É uma narrativa-resistente sinalizando vidas menores que anunciam um conhecimento de si e um modo de vida que opera na lógica de uma surdez que não quer ser classificada, enquadrada em um espaço normativo.

Porém, estranhamente, ao narrar a petição de um não lugar marcado pela surdez como deficiência, o documentário, de algum modo, mantém o discurso, pelos sujeitos que o produzem, de um lugar social esperado ou construído para ainda classificá-los numa lógica do mesmo. Na tentativa de desviar-se dela, caem ainda, em outro espaço que mantém a marcação do que seja um surdo, porém agora, de uma surdez que está dentro de uma lógica em que a cultura da diferença surda se dá como destaque – há uma captura do que se espera sobre o outro surdo, embora em discursos e movimentos diferentes.

Todavia, para ocorrer determinada mudança na perspectiva (da visão patológica para a cultural) da surdez nos discursos sociais, diríamos que houve um caminho importante a ser destacado: são estas vidas surdas que em um determinado momento histórico foram tomadas como objeto de saber da ciência médica e sobre seus corpos operaram-se efeitos de verdades, das quais emergiram subjetividades assujeitadas pela lógica divisória: o ouvinte normal e o surdo anormal. Aqui cabe bem o conceito de Michel Foucault sobre as relações de poder que produzem práticas binárias.

Para Foucault (2010a), em sua escrita sobre “O Sujeito e o Poder”, existe uma objetivação do sujeito produto de práticas divisórias. “O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Esse processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os “bons meninos”. (FOUCAULT, 2010a, p. 273).

O conceito de surdez vem sendo usado pela lógica de pensamento que opera os estudos surdos, concebendo-a como diferença cultural e lingüística – não querendo entrar no jogo de uma verdade binária, o surdo é o não ouvinte, mas pode, através de técnicas disciplinares, ser reparado, tomando o lugar de um quase surdo-ouvinte. Saindo deste lugar, a surdez como experiência visual, performatizada no sujeito de modo gesto-espacial e efeito da língua de sinais, grafa no corpo surdo uma experimentação de vida singular e visual que o distingue de qualquer experiência ouvinte. Essa seria a perspectiva cultural, que de algum modo, da mesma forma marca um lugar ou um modo de existência surda. Todavia, rompe com um discurso de surdez como problema orgânico, para um surdez que se dá num campo cultural. Nessa segunda perspectiva, é na relação com o outro ouvinte, o *alter*<sup>4</sup>, que o surdo se constitui como diferença, singularidade, descontinuidade, portanto, como outro também. Como marcado anteriormente, essa diferença é efeito da língua de sinais, que não é da mesma modalidade das línguas orais, nem tem a mesma estrutura gramatical. Efeitos

---

<sup>4</sup> *Alter* “um outro, outrem; outro, diferente; oposto; contrário”. (HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001)

que permitem outras e singulares experiências no *falante*<sup>5</sup> surdo, através do contato com a língua em questão e, portanto, inscreve o ouvinte no lugar de alteridade. Por assim ser, “a surdez começa então a metamorfosear-se” (BENVENUTO, 2006, p.228) como produção nosográfica, portanto, como deficiência orgânica, numa sociedade *deficiente* às demandas dos surdos sinalizadores, e às suas singularidades. Uma sociedade que os nomeia, todos de igual forma, como sujeitos com surdez, e não como sujeitos surdos, singulares, entre si e entre nós ouvintes; tomando-os como objeto de investigação e de correção, fazendo *emergir* discursos sobre *a surdez, sobre os surdos em via de reparação de sua anormal e exótica surdez*. (BENVENUTO, 2006).

Todavia, há que se apontar que na construção inventiva do que seja “a surdez”, há presente relações de poder e saber, relações efeito de ações sobre ações (FOUCAULT, 2010a), e nisso, há sempre possibilidades de escapes criativos que possibilitem assim estes mesmos sujeitos, efeito de objetivação corporal, reinventarem modos de operar suas vidas, numa relação mais ética consigo, e com as verdades produzidas sobre si mesmo. O outro será ressaltado como não-passivo, pois em toda relação de forças, há lutas, há reviravoltas, dentro dos micros-jogos de poder, nas relações interpessoais que são sempre relações de forças. Há variados modos de enfrentamentos e com isso há a emergência de sujeitos falados pela sua surdez e sujeitos que resistem à manutenção de seus corpos nesses referidos discursos e espaços, reverberando outras vozes, vozes ecoantes, que afetam mais intensamente aqueles que se põem na posição de escuta do *alter* (SKLIAR, 2003). Portanto, a questão posta é, ao problematizar estes dois lugares, pensar potencialmente em uma terceira forma de experiência perpassada pelo *cuidado de si*. Cuidado esse que de modo geral marca uma ética da singularidade e não um modo de existir “em massa”,

---

<sup>5</sup> Adoto o termo “falante” no caso dos surdos, rompendo com as definições naturalizadas que vinculam fala à oralidade; língua à sua modalidade de expressão. Falante no sentido de “pessoa capaz de usar uma língua” (HOUISS). Falante no sentido de se fazer sujeito como efeito de língua(gem), de modo sempre dinâmico e nunca acabado, por sua inscrição em uma língua que o faz falar, que o localiza e desloca ao mesmo tempo.

ou seja, as experiências se dão na superfície de cada corpo, não podendo ser aprisionada pelo campo biológico ou pelo campo antropológico.

Para Foucault (1979), em toda relação social há a emergência de sujeitos como efeitos de poder, resistências e singularidades, unidos por tramas de discursos alocados por meio de ações políticas, atravessados e nomeados por palavras, em planos discursivos distintos. Por emergência, Foucault (1979) denominou “a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude” (p. 24). O sujeito-emergente é aquele que surge em cena, que se deixa ver, que entra no espetáculo da vida e mostra seu rosto. A emergência é que põe em cena sujeitos que persistem e insistem diante dos efeitos políticos do poder, sujeitos que se fazem em corpos outros, nessas nuances das lutas, travadas e marcadas socialmente nas relações de poder.

Entender os efeitos das relações de forças na relação social, ou seja, relações do outro, do sujeito com a linguagem, e com o poder da fala, torna possível compreender os dispositivos<sup>6</sup> sociais e de poder que Foucault (1987,

---

<sup>6</sup> O conceito de dispositivo de poder e saber utilizado por Foucault, tal como entendo, serve para demarcar as tecnologias, que seriam os instrumentos, as ferramentas, as técnicas, e as estratégias de manejo do poder na sujeição do outro e na construção de verdades dogmáticas amplamente circulantes na história e na ciência. Em suas obras são denunciados diversos dispositivos sociais, de poder e de controle, que se filiam à construção de verdades e saberes. Em “As Palavras e as Coisas” (1999b), Foucault nos oferece uma análise crítica da formação das ciências humanas, evidenciando a reconfiguração dos saberes – e seus efeitos – na formação das disciplinas e da ciência. Em “Vigiar e Punir” (1987), Foucault nos banhou com suas análises nas instituições sociais como a penitenciária, a escola, a família – locais em que foi constatado o uso de dispositivos de poder, articulando esses espaços a séries ou manobras disciplinares e corretivas do corpo humano. Foucault (1987) desenvolveu o conceito de disciplina, materializado na vigilância, no exame e no olhar corretivo, legitimado nas práticas sociais que deixavam de punir, supliciar, o corpo para corrigir e consertar as anormalidades na presença da confissão. Desse trabalho, “Vigiar e Punir (1987)”, desenvolveu o conceito do *panóptico* como dispositivo de poder presentificado na construção arquitetônica institucional, vinculado à vigilância e ao exame dos sujeitos. Esse novo processo epistemológico se faz presente ainda na sociedade, encontrado sob a forma de diversos dispositivos e técnicas do poder e do saber que criam espaços de correção do humano. Desta forma, se há saber sobre o outro, há lutas e há, portanto, resistências, com o surgimento de vozes muitas vezes subjogadas, que devem ser emersas e trazer “à tona as falas que foram sepultadas” (FOUCAULT, 1979, p. 171). As tecnologias e os dispositivos do poder são esses mecanismos, engrenagens que operam na linha da disciplina e da correção e que legitimam saberes; mas também são as resistências contra a legitimação da dominação centralizadora. Ou seja, os dispositivos de poder podem assumir novos papéis, deslocando-se na fabricação, por exemplo, de outras armas necessárias para combater os saberes tidos como verdades, impondo outros saberes que Foucault chamou de “saberes locais”, dando o nome de “insurreição dos saberes das pessoas” (FOUCAULT, 1979).



1999a, 1999b) desnuda em seus estudos. Dispositivos estes que resultam nas variadas fabricações de normas e nas classificações impostas a sujeitos que sempre se vêem submetidos aos padrões normativos de um saber que se impõe como verdade, mas que as tomando (normas), o sujeito pode reinscrever sua história, em batalhas travadas, nas relações de forças, nas variadas manifestações de poder-saber. A trilha foucaultiana permite-nos observar as relações de forças históricas, revelar as invenções normativas da sociedade em dada época, e com isso marcar emergências sociais, o sujeitamento do outro e a possibilidade de dessujeitamento, nas muitas formas de experiências singulares, e de recriação de si.

Trata-se do saber histórico das lutas. No domínio especializado da erudição tanto quanto no saber desqualificado das pessoas jazia a memória dos combates, aquela precisamente, que até então tinha sido mantida sob tutela. E assim se delineou o que se poderia chamar uma genealogia, ou, antes, assim se delinearam pesquisas genealógicas múltiplas [...]. Chamemos, se quiserem, de “genealogia” o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. (FOUCAULT, 1999a, p.13).

Em seus estudos, Foucault (1987) apontou variadas formas de manifestações do poder na sociedade. Nesses olhares e pesquisas, afirmou a existência de uma nova estratégia epistemológica de poder e saber, iniciada nas sociedades dos séculos XVII e XVIII, e perpetuante na atualidade: a confissão. O *poder confessional* veio extirpar o suplício do corpo, altamente presente na Idade Média. A condenação do sujeito devedor era marcada pela punição, pelo massacre do corpo, necessariamente exposto para ser visto e exibido coletivamente. O processo de condenação dava-se, portanto, através da execução do sujeito, punição marcada no corpo do condenado e exposição em praça pública.

Aos poucos, essa nova estratégia de poder veio sendo modificada, mais precisamente no final do século XVIII e começo do XIX. A punição passa a ser feita não mais “a céu aberto”, mas em cárceres, nas penitenciárias, nas escolas, nos hospitais e nas clínicas psiquiátricas. A nova arma de controle, nesses séculos que se seguiam, baseada no “falar de e sobre si”, está

intimamente ligada à confissão do erro e à denúncia que o sujeito faz de si para os outros. Confissão das *anormalidades* e de suas supostas falhas, em seus corpos ou mentes. O homem moderno passa a ser *o homem confidente de si, e examinado pelo outro*, materializado pelo Aparelho de Estado. O Estado assume o lugar do vigilante, e o faz nas estratégias de controle e exame dos corpos, de seus movimentos e lugares ocupados na sociedade: *um Estado que olha e controla tudo e todos*. O homem confidente, examinado, vigiado e consertado é o modelo de sujeito proposto e inventado no ocidente entre os séculos XVII e XVIII, materializado pelo *poder disciplinar* – com algumas mudanças estratégicas nos séculos seguintes, mas perpetuando os mesmos objetivos: confissão, exame e reparo (FOUCAULT, 1987).

Walhausen, bem no início do século XVII, falava da “correta disciplina”, como uma arte do “bom adestramento”. O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar mais e ainda melhor. [...] separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos [...] **a disciplina “fabrica” indivíduos** [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: **o olhar** hierárquico, **a sanção normalizadora** e sua combinação num procedimento que lhe é específico, **o exame** (FOUCAULT, 1987, p. 143). (Negritos meus).

Há uma norma que classifica o que seja o normal e a partir dela a divisão do sujeito que não se enquadra nos parâmetros normativos. Desta anormalidade produzida, especificamente aqui marcada no binarismo surdo x ouvinte, vemos surgir tecnologias sobre o corpo individual dos sujeitos, que ao modificar nos séculos seguintes, passa a operar não mais nos corpos individuais, mas na coletividade. Um poder que se direciona se opera nas massas populacionais. A isso Foucault nomeia o efeito de uma biopolítica, ou uma política que se insere e inscreve-se sobre a vida das pessoas, para a **regulamentação** de modos de existências, em via, ainda da correção dos corpos que fogem das normas, porém um saber-poder operado na população para a produção de vidas regradadas, controladas por uma saber biologizante.

Retornando a questão na perspectiva do corpo do sujeito surdo, sobre ele são aplicadas tecnologias de reparação nas mais variadas instituições: na escola, nas clínicas de reabilitação da fala, no hospital.

**\*\*7 “NASCI SURDO PROFUNDO SIM”** – é a primeira fala/sinalizada dos sujeitos no documentário. Por que falar e marcar para o outro a sua surdez é tão significativo a ponto de aparecer como a primeira sinalização de todos os participantes?

Na tentativa de uma possível resposta, e no rastro dessas idéias foucaultianas, farei uma ponte com os estudos surdos. A surdez pode ser vista, da mesma forma, como uma produção social fabricada numa sociedade que, ao longo dos séculos, também se incumbiu de produzir as anormalidades, as patologias, os excluídos e a norma. “Portanto, não existe algo assim como deficiente ou a deficiência. Existe, sim, o poder e o saber da invenção de uma norma. Existe, sim, a fabricação da deficiência” (SKLIAR, 2003, p. 168). A Surdez como um substantivo, indicativo de uma falta, ou um nome dado ao outro, passa a convocar um saber científico sobre si e sobre aqueles que a ela pertencem – os surdos, os deficientes auditivos, aqueles que não ouvem. É definida, como todo saber, em um campo disciplinar, e só dessa forma é efeito de discurso e pode, portanto, existir como verdade para e sobre o outro – SOU SURDO, POSSUO EM MEU CORPO A SURDEZ.

A partir dessa forma confusa, mas historicamente decisiva, é necessário estudar o aparecimento em datas históricas precisas, das diferentes instituições de correção e das categorias de indivíduos a que elas se destinam. Nascimento técnico-institucional da cegueira, da surdo-mudez, dos imbecis, dos retardados, dos nervosos, dos desequilibrados (FOUCAULT, 2001, pp. 415-416).

Nessa sociedade inventada inicialmente pela norma, na materialização do poder disciplinar, impõe-se o paradoxo da inclusão-exclusão dos sujeitos e de seus respectivos espaços – processo intimamente atrelado. Dito

---

<sup>7</sup> \*\* - usado para destacar que é uma fala sinalizada em Libras do documentário *Divã* e traduzida para o português.

de outro modo, há uma correlação e não uma oposição entre “inclusão” e “exclusão”: a inclusão é necessária para a existência da exclusão e dos excluídos, dos menos válidos, dos desviantes, dos surdos, dos deficientes. O interessante é que a inclusão não traz o desviante para dentro da norma, mas, hostilmente e perversamente, mostra que o anormal se mantém fora dela (VEIGA-NETO, 2001).

A inclusão-exclusão, para Veiga-Neto (2006), liga-se intimamente a dois processos: a normatização e a normalização. Os dispositivos *normatizadores* são "aqueles envolvidos com o estabelecimento das normas, ao passo que os *normalizadores* [são] aqueles que buscam colocar (todos) sob uma norma já estabelecida e, no limite, sob a faixa de normalidade (já definida por essa norma)" (VEIGA-NETO, 2006, p. 35-36). No entanto, aquele que não se enquadra à voraz norma é mantido como anormal, mesmo compartilhando os mesmos espaços que os “ditos normais”. Para Veiga-Neto (2001), a norma é um dispositivo de controle que atua no corpo do sujeito, demarca espaços e cria os marginalizados. Este saber que demarca lugares em que o outro deve estar que classifica e orienta ações pode ser percebido na sinalização destacada:

\*\* O professor percebeu que eu tinha que estar em outra escola. Minha mãe sofreu muito. **Tinha que me levar diariamente de uma instituição para outra:** escola, fono, escola, sala de recursos, médicos... (Surdo – documentário).

Como produto e efeito da permanência do surdo num mundo ouvinte, a surdez pode ser evocada de formas divergentes: 1) como um campo de saber, de investigação e de reabilitação, ou 2) como uma experiência visual materializada no corpo surdo. Sem fixar a discussão no binarismo surdo *versus* ouvinte, pode-se destacar a diferença que se inscreve na existência do outro, ou seja, a marca da relação entre essas diversidades, que impelem certa experiência nos corpos envolvidos e inventados em jogos de correlações de força. Meu objetivo é marcar a emergência de sujeitos efeitos de singularidades visuais que a língua de sinais impeliu e impele no corpo surdo e no corpo ouvinte, colocado no limiar das culturas surdas e das culturas ouvintes e que, portanto,

permitiram a experiência da surdez no corpo, através do efeito e uso da língua de sinais – uma surdez narrada no campo das diferenças surdas, e não das “deficiências”.

A surdez é uma grande invenção. Não estou me referindo aqui à surdez como materialidade inscrita em um corpo, mas à surdez como construção de um olhar sobre aquele que não ouve. Para além da materialidade de um corpo, construímos culturalmente a surdez dentro de distintas narrativas associadas e produzidas no interior (mas não fechadas em si mesmas) de campos discursivos distintos – clínico, lingüísticos, religiosos, jurídicos, filosóficos etc. (LOPES, 2007, p.7).

Nesse contexto, a surdez como invenção é caracterizada socialmente por dois posicionamentos: 1. tomando esse outro em ações inventivas para a normalização, criou-se a surdez como anormalidade, sinônimo de *falta* orgânica. Sobre o surdo teceram-se narrativas inscritas na ordem do discurso sobre as deficiências, traduzindo-os em identidades deficientes, objetos de desejo de reparo, sempre em via de reabilitação, para conformá-los à normalidade ouvinte-falante. Essa produção se deu através de técnicas de disciplinamento das anormalidades orgânicas dentro das clínicas médicas e em espaços escolares; 2. em outra posição, a surdez não deixa de ser uma invenção, mas é efeito da experiência de alteridade em que, na resistência surda<sup>8</sup>, o outro surdo expõe suas diferenças e singularidades e mostra para o outro ouvinte que não há uma única forma de sentir o mundo, e que a escuta e a leitura da vida podem ser visuais. Nessa experiência de surdez o construto epistêmico assumido aqui partilha da premissa da língua de sinais como constitutiva da subjetividade surda e não como ferramenta instrumental e estática usada como ponte para a oralidade.

Neste segundo plano, e compartilhando a posição de Lopes (2007), a surdez é uma invenção tomada como um *marcador cultural primordial*, e por isso os surdos são reconhecidos como produtos e produtores das Culturas Surdas, e

---

<sup>8</sup> Por *resistência surda* entendo ser, o enfrentamento do surdo contra as discursividades hegemônicas sobre a questão da surdez. Utilizo o termo para narrar os enfrentamentos da comunidade surda, na comunidade ouvinte, ou seja, a petição pela língua de sinais, pelo intérprete de língua de sinais, as legislações, como o decreto 5.626/05, as singularizações que a experiência do “Ser Surdo” – pertencente a outro grupo lingüístico – coloca em posição de diálogo com as narrativas ouvintes. A palavra **Surdo** marca essa singularização cultural que o inscreve como sujeito pertencente a uma diferença lingüísticocultural, na experimentação da surdez como acontecimento visual.

escutados como sujeitos surdos. Há uma *marca grafada* no corpo surdo que o distingue dos ouvintes e os coloca em uma relação cultural diferenciada, seja pelo olhar, pelos gestos, pela linguagem de forma ampla. Não interessa aqui marcar nenhuma vantagem de uma cultura sobre a outra, nem tampouco pensamos no isolamento cultural. Há uma relação de intercâmbios culturais entre ouvintes e surdos que, justamente, permitem a construção dessas diferenças, sem esquecer que entre os próprios surdos existem diferenças marcantes, relações de poderes, enfrentamentos de forças e singularidades.

Essa perspectiva de cunho culturalista (sócio-antropológica ou sóciohistórica) passou a ser divisora de águas nas narrativas surdas que se solidificavam e se construía no enfoque da deficiência. Isso porque não é possível filiar-se a uma concepção que tem por premissa o olhar e a escuta cultural sobre a experiência da surdez grafada no corpo surdo e ainda manter uma concepção ortopédica de correção do sujeito, mesmo que mantendo um ínfimo desejo de reabilitação e tradução do surdo nos parâmetros normativos da sociedade ouvinte.

[...] proponho olhar a surdez de outro lugar que não o da deficiência, mas o da diferença cultural. Não nego a falta de audição do corpo surdo, porém desloco meu olhar para o que os próprios surdos dizem de si quando articulados e engajados na luta por seus direitos de serem e de quererem ser vistos como sujeitos surdos, e não como sujeitos com surdez. Tal diferença, embora pareça sutil, marca substancialmente a constituição de uma comunidade específica e a constituição de estudos que foram produzindo e inventando a surdez como um *marcador cultural primordial*. Assim como o sexo, que aparece marcado no corpo feminino e no corpo masculino, a surdez também marca aquele que a possui, diferenciando os que ouvem daqueles que não ouvem. [...] esta aparece como elemento diferenciador capaz de aproximar e mobilizar aqueles que a possui em prol de causas e lutas comuns (LOPES, 2007, p. 9). (Grifos da autora).

Dentro de um modelo contemporâneo social ainda muito marcado pelo logofonocentrismo<sup>9</sup>, imperaram os efeitos de poder e coerção do desejo

---

<sup>9</sup> O logofonocentrismo é amplamente discutido por Derrida (2005) e em trabalhos de alguns pesquisadores que tomam como premissa a diferença lingüística não circunscrita à estrutura das línguas orais, em estudos chamados pós-estruturalistas. Derrida (2005), com a sua “desconstrução”, questiona os parâmetros ocidentais de escritura tomados como verdades absolutas e universais, e propõe o descentramento da ortodoxia lingüística subjugada à fonética. Dessa forma, o autor abre uma passagem para as pesquisas Surdas e para as diferenças lingüísticas não marcadas pela oralidade; a Libras, por exemplo, sendo uma língua cuja escrita se inscreve no corpo, no espaço e no gesto gramaticalmente construído, é potenciadora de

surdo de fazer corporificada sua diferença visual. Essa “opressão” se fez e faz em prol de uma grafia delineada no modelo fonológico e no audiológico, nos quais são marcados os limites possíveis da diferença, centrados, neste caso, na palavra oral. Aqui cabe salientar os movimentos de ouvintização, seguidos pela abordagem ouvintista<sup>10</sup>, que vem predominando na educação, envolvendo variadas técnicas de oralização dos educandos surdos, predominantemente nas instituições escolares. Essa temática é sempre mencionada em pesquisas que retomam a história de luta das pessoas surdas contra um período de dominação de quase cem anos, para fazer valer seus direitos lingüísticos e marcar a mudança epistemológica da surdez numa vertente antropológica e não mais medicalizadora (SKLIAR, 1998; LOPES, 2007).

Todos estes movimentos de saberes e suas tecnologias aparecem, de algum modo, na sinalização dos sujeitos no documentário. Os cinco participantes falam sobre a escola, as exclusões nela sofrida, e as políticas inclusivas que operam na lógica da exclusão. Falam de seus desejos comuns, de suas vidas comuns que foram objetivadas pela ciência. Falam da necessidade de aceite da língua de sinais como constitutiva de sua diferença.

E o mais impressionante é que todos os sujeitos marcam a presente e permanente discursividade sobre a surdez, o que é e como deve ser um “surdo normal”, apontando, que em meio a tantas falas sobre seus corpos, sentem em si, o apagamento de suas singularidades surdas:

---

reflexão nesse plano teórico. Seria aqui a desconstrução dos postulados da lingüística estruturalista e a abertura para outra forma de pensar a língua, porém, o que Derrida nos mostra é que, embora falemos de diferença, parece que a inscrevemos na igualdade; de algum modo queremos mostrar que na diferença existem semelhanças – não desconstruímos a essência, ainda que nos apresentemos como desconstrutores.

<sup>10</sup> O ouvintismo é entendido como um conjunto de táticas e estratégias de opressão do ouvinte na imposição de padrões normativos aos surdos; uma padronização da cultura e da língua. O termo ouvintismo é utilizado por Skliar (1998) como um conjunto de representações políticas dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos. Para o autor, a relação de opressão é tamanha que o surdo pode passar a representar-se apenas como ouvinte que ouve mal; suas narrativas ficam travadas nesse padrão normativo; embora na resistência, ao driblar esses estigmas projetados, o sujeito (des)capture-se das representações de “anormalidades”, impondo-se como diferença, inscrevendo-se de outra forma, nas narrativas surdas.

**\*\* Falam da surdez sem ouvir o surdo. Nós que não ouvimos e eles que não escutam.**

Ao ver o grito-sinalizado de meus alunos num documentário amador que promoveram múltiplos efeitos no meu corpo e uma movimentação singular em meus pensamentos, fui convocada a pensar: quais caminhos poderiam ser trilhados na escola para desfazer a lógica do mesmo, e caminhar rumo a uma ética da diferença surda?; ou, ainda, a possibilidade de uma biótica surda que resiste ao mesmo em sua arte de existência menor?

## **II. O CUIDADO DE SI COMO RESISTÊNCIA: POR UMA ÉTICA DA DIFERENÇA SURDA**

**\*\* Minha mãe e meu pai por influências da sociedade majoritária me colocaram na fonoaudióloga para eu ser oralizada.**

Foi preciso caminhar numa relação genealógica que configura a relação corpo singular surdo, corpo social surdo e as práticas de disciplinamento e controle na relação saber-poder sobre a surdez para agora produzir outra coisa. Um movimento que possa não mais marcar a surdez como anormalidade, de um corpo-problema; ou a surdez como resultado de uma diferença cultural que se homogeniza pelo aprendizado de uma língua – não se reduz um sujeito por práticas culturais; mas a surdez que é efeito diferenciador em cada sujeito surdo, que pode ser vivida de diferentes formas. Não há nenhuma pretensão de negar a importância da língua de sinais na constituição dos sujeitos surdos, ou de negar que tais experiências são também resultados de práticas culturais, mas apontar que os discursos culturalistas também podem aprisionar modos singulares de se fazer sujeito, isso quando a militância promove um espaço único de afirmar a diferença, e busca enquadrar todos dentro de tais discursos.

A epígrafe inicial aponta um modo de cuidado do outro, da mãe, sobre a criança surda – um governo do outro que se opera em vários campos de saber



institucionais. Um cuidado que só existe presentificado num saber que inscreve o que seja o melhor e mais correto caminho para controlar os efeitos negativos da surdez: a correção pela fala, movimento que faz do surdo um quase ouvinte. Foucault (2010), na obra “Heremênutica do sujeito” pontua as estratégias de governo e controle do cuidado de si em três perspectivas: para governar o outro, para se sujeitar a uma relação transcendental-religiosa, e em outro momento, para relacionar-se consigo mesmo.

Afirma que na atualidade só seria possível a construção de uma ética de si que desnude o poder político, operado por uma maquinaria do controle dos corpos, pelas resistências políticas, numa lógica da relação produzida do sujeito consigo mesmo. Portanto, Foucault anuncia três principais formas do cuidado de si, uma marcada pelo momento socrático-platônico, na qual é preciso cuidar de si para poder cuidar dos outros; outra perspectiva em que o cuidado de si se aloca numa vertente cristã, voltado para a salvação, para a ascese como superação de si; e, em outro plano, num viés que penso ser o mais “atraente”, o cuidado de si dos períodos helenístico e romano, formulado especialmente por cínicos e estóicos, que toma, sobretudo, o cuidado de si como **um fim em si mesmo** (FOUCAULT, 2010) – cuidar de si para se ter uma relação mais ética consigo mesmo. É sobre o cuidado de si como resignificação de um si mesmo que tomarei como premissa para entender as diferenças como possibilidade de resistência. Sobre este cuidado o autor afirma:

Ocupar-se consigo é um privilégio; é a marca de uma superioridade social, por oposição aos que devem ocupar-se com os outros para servi-los ou então ocupar-se com um ofício para poder viver. A vantagem que a riqueza, o *status*, o nascimento conferem, traduzem-se no fato de se ter a possibilidade de ocupar-se consigo mesmo. (FOUCAULT, 2010, p. 444).

Essa ocupação de si mesmo marca outra relação do sujeito com as verdades inscritas sobre si e os modos como as fissuras contra um saber homogeneizante sobre si pode ser um privilégio, se bem aproveitado. Há um saber presente sobre os modos de existência, todavia, o sujeito ao tomar sua vida como obra de arte, busca nos acontecimentos cotidianos, resignificar-se,

não para chegar a um fim maior e melhor, ou para ser igual aos outros, reparando suas falhas, em via corretiva, mas para manter suas singularidades, em si mesma – para conhecendo-se controlar suas paixões naquilo que se faz necessário. É este autocontrole difícil de ser ter, e que se faz pelo exercício, por uma vida-prática que constantemente repensa a si mesmo e os caminhos trilhados. Como um atleta diariamente tem o ritual de seus treinos, a vida daquele que cuida de si mesmo, está emaranhada pelo exercitar-se, cuidar-se, conhecer-se, não para controlar o outro, mas para cuidar de seu *êthos*, dos caminhos escolhidos e trilhados. A vida se faz por acontecimentos que não se podem controlar, mas há possibilidade de escolher o modo e as reações que se pode ter diante deles. “O cuidado de si se torna coextensivo à vida” (FOUCAULT, 2010, p. 79).

Foucault (2010) anunciou uma perspectiva da *áskesis* como “[...] constituição de si mesmo. [...] tratava-se de chegar à formação de uma certa relação de si para consigo que fosse plena, acabada, completa, autossuficiente e suscetível de produzir a transfiguração de si que consiste na felicidade que se tem consigo mesmo.” (p. 285).

<p>** Eu sou feliz. Uso a Libras, tenho amigos, tenho uma vida simples como qualquer vida. Gosto de estar com minha mãe. Adorei ganhar um cachorro. Minha maior marca não foi descobrir a surdez, mas ter minha filha nos braços. Choro quando fico bravo, mas sorrio muito por ser quem sou.</p>
---

Estes relatos dotados de singularidade de vidas-surdas marcadas por acontecimentos tão corriqueiros que escancaram a potencia-vida que está além do marcador de uma surdez em seus corpos constituídos da trama do saber corretor, mas que faz falar uma surdez singular, das experiências de cada um consigo, com os outros. São singularidades, efeitos de acontecimentos que se fazem por múltiplos modos.

Por assim ser é tão complicado os engessamentos que vemos ser produzido sobre o que seja um único e correto modo de ser surdo, capturado por

todo um movimento agenciado pelos saberes discutidos na primeira parte deste artigo, que traduzem-se por diversas práticas (técnicas e tecnologias) na escola, na ação de professores: fale com ele para aprender a ler lábios; só sinalize e não abra a boca para não mesclar a Libras e o Português, ele tem que desenvolver “a identidade surda”. Como educar surdos sem alocar-se em uma lógica discursiva que se amarra numa única verdade sobre outro? Como fazer ecoar as múltiplas formas de vidas (*bios*) surdas que anunciam modos resistentes de vidas?

\*\* Na escola fui marcado como diferente. Eu ficava só, era melhor. Eu me tornei tímida e fechada. Se me sinto rejeitado por ser surdo, eu desprezo. Eu sou assim, eu enfrento quando falam que não posso ser como quero.

O relato-documentário inicia-se com os sujeitos nomeando-se surdos, perpassa em todas as falas marcando as relações de poder e a busca por uma surdez homogeneizada presente nos discursos institucionais e operado na maquinaria escolar; e finaliza-se, ainda, no território escolar e como cada um deles encontrou em si estratégias para sobreviver na diferença surda. Seja pelo silenciamento, pelo desprezo, pela rejeição, cada um narrou ações corporais, técnicas vividas que cuidam de seus cuidados para manterem-se no lugar da diferença surda: na felicidade que encontram em si, e com outros surdos, no uso da língua de sinais. Por que é que nos colocamos surdos às demandas de quem não ouve? Por que é que a escola, ainda que marque a inclusão, continua excluindo as vidas que resistem?

Escutar o outro, de fato, é uma ação complexa, que, sobretudo, convoca para si um descentramento de suas verdades como tais, e de seu modo de vida, como único: [...] A palavra do surdo se expressa através da língua de sinais. “[...] A surdez começa então a metamorfosear-se naqueles que, ainda que seu ouvido funcione perfeitamente, se tornam incapazes de escutar uma palavra que se expressa de maneira diferente da sua.” (BENVENUTO, 2006, p. 228). Quando não se vive na busca de mudar o outro, mas de construir a si mesmo, as diferença estão mais presentes: o outro, não como alvo, mas como o outro

em si, como aquele diferente de mim, que se constitui em suas experimentações e que, de um modo, me afeta.

A escola pode entrar no jogo da diferença, ainda que capturada por um discurso do igual? Se os sujeitos como agentes que também fazem mover a maquinaria escolar permitirem-se agir em ações-desviantes, “cuidarem de si”, a partir de uma reflexão permanente que ponha em tópico o movimentar-se na construção de uma ética da diferença, esse jogo é possível. Numa via de deslocamento interno, buscando fugas às capturas, assim, algumas linhas de liberdades e resistências podem fissurar a maquinaria de controle (DELEUZE, 1997). Para finalizar tal texto, e na tentativa de amarrar algumas das questões levantadas, trago a citação de Deleuze sobre vidas que resistem às maquinarias de controle: vidas-nômades.

Quem sabe tal modo de vida nos ajude a pensar nas resistências surdas dentro do espaço da escola:

Existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam a maneira dos migrantes; ao contrario, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecer no mesmo lugar, escapando dos códigos. [...] E mesmo se a viagem for imóvel, mesmo se for feita num mesmo lugar, imperceptível, inesperada, subterrânea, devemos perguntar quais são nossos nômades de hoje (Deleuze & Guattari, 1996, p.328).

Singularidades-vidas-nômades-surdas; diferenças que resistem na escola.

Vidas-multiplicidades....Vidas-fugidias...Vidas-resistentes.

Quando cada encontro pode ser um ponto para outras práticas, ou ainda, se as intensidades vividas pelos sujeitos, do pensamento às ações, passam a ter valor no interior dos planos de ensino, das salas de aulas, de modo geral, pode-se ver surgir outras possibilidade de relação docente e de ensino.

Deste modo, afirmo ser possível arriscar outras práticas escolares: já que a resistência estará sempre presente, por que não fazer uso dela?

### III. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENUTO, A. O surdo e o inaudito. À escuta de Michel Foucault. In: GONDRA, J. & KOHAN, W. (Orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/ccivil/Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 18/09/2011.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol.3/. Tradução de Aurelio Guerra Neto et. al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, M.. **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. de Lígia M. P. Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999 a.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999 b.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: **Ética, sexualidade, política: Ditos & Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SKLIAR, C. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VEIGA-NETO, A. Incluir para excluir. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 105-118.

\_\_\_\_\_. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: Rago, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp.13-38.

**DADOS DA AUTORA:**

Doutoranda em educação na faculdade de educação da UNICAMP orientada pelo Prof. Dr. Silvio Donizetti O. Gallo. Pesquisa na área da educação de surdos e estudos foucaultianos. Mestre em Educação pela UNICAMP. Psicopedagoga institucional e clínica/ ATUALIZE/UNIBEM. Pedagoga em Educação Especial. Professora bilíngue para surdos na rede municipal de Campinas.